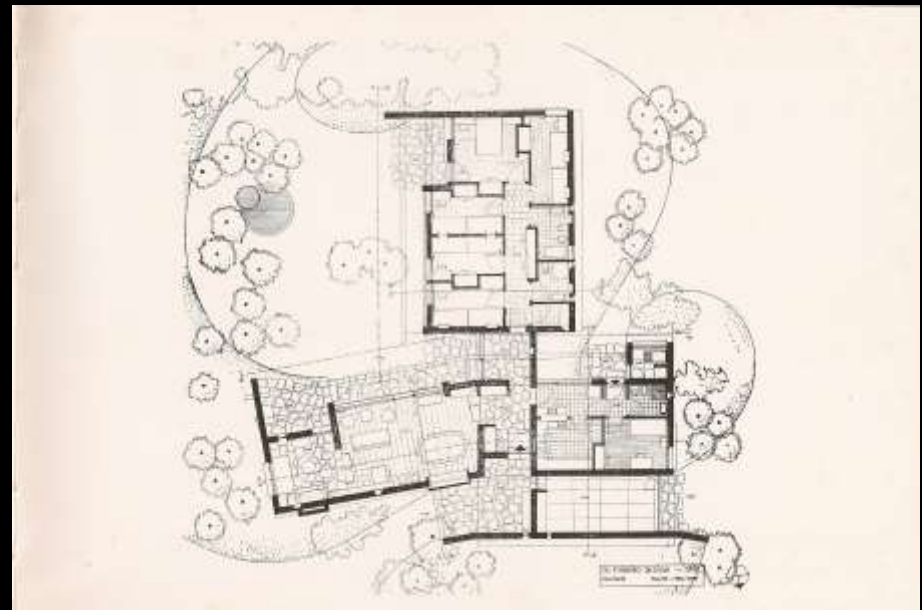


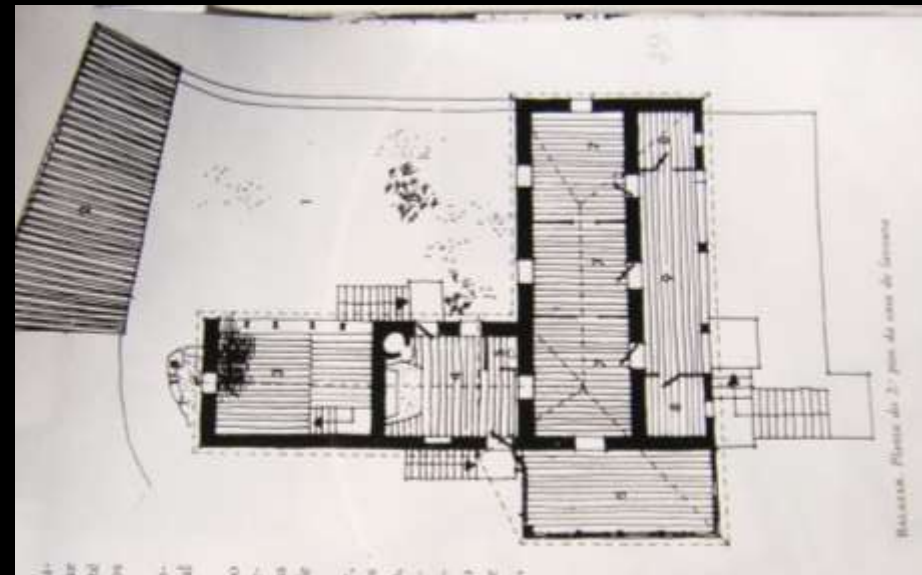
5º CONGRESSO DE
ARQUITECTURA
TRADICIONAL E
SUSTENTABILIDADE

7-9 Julho 2017
Aldeia de Uva,
Vimioso, Portugal

Eduardo Fernandes
LAB2PT
Escola de Arquitectura
Universidade do Minho

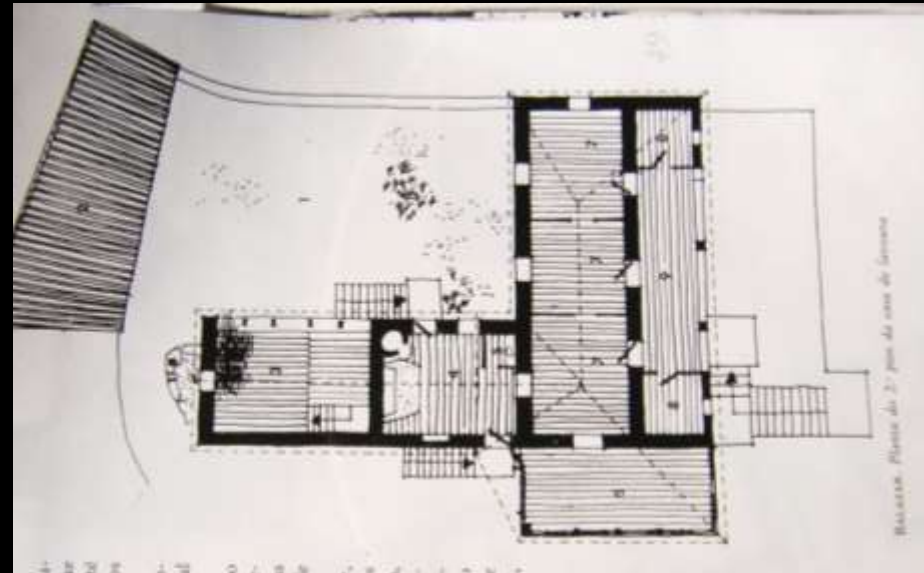


A CASA DE OFÍR DE FERNANDO TÁVORA: SUSTENTABILIDADE E TRADIÇÃO VERNACULAR.



- Boa orientação solar.
- Ventilação natural.
- Boa relação entre a superfície de parede e a superfície dos vãos.
- Proteção da incidência dos raios solares, no verão.
- Boa inércia térmica das paredes.
- Uso de materiais do local.
- Possível reciclagem de materiais.
- Construção sem gastos desnecessários de energia (transportes, terraplenos, etc...).
- Boa adaptação à topografia.
- Etc...

SUSTENTABILIDADE E TRADIÇÃO VERNACULAR.





Para Raul Lino, a Casa Portuguesa caracteriza-se pela proporção, pela qualidade dos materiais e pelo bom gosto e pela relação com o “conjunto da paisagem à qual se liga com toda a naturalidade”. Considera que as construções populares pareciam “dotadas de uma espécie de bom-senso que as impedia de tomar atitudes agressivas, na forma ou na cor”.

LINO, R., Casas portuguesas... (pág. 67; 72-73).

“A arquitectura portuguesa é eclética e contraditória (...) marcada pela condição de cruzamento de culturas; não sendo inovadora, no sentido da ruptura, a sua inércia não impede, antes favorece, uma leitura transformadora face a modelos e sistemas importados. Sendo um fenómeno de aculturação, é na forma como interpreta os modelos e os adapta à realidade que encontramos a sua especificidade”

COSTA, Alexandre A., “Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa”, revista *VÉRTICE*, nº19, Outubro de 1989.



1919 – 24 - Marques da Silva
Edifício "A Nacional"



1929-32 - Rogério de Azevedo
Edifício "Comércio do Porto"



1925 - Rogério de Azevedo (com Januário Godinho): “Comércio do Porto”, sede e garagem.

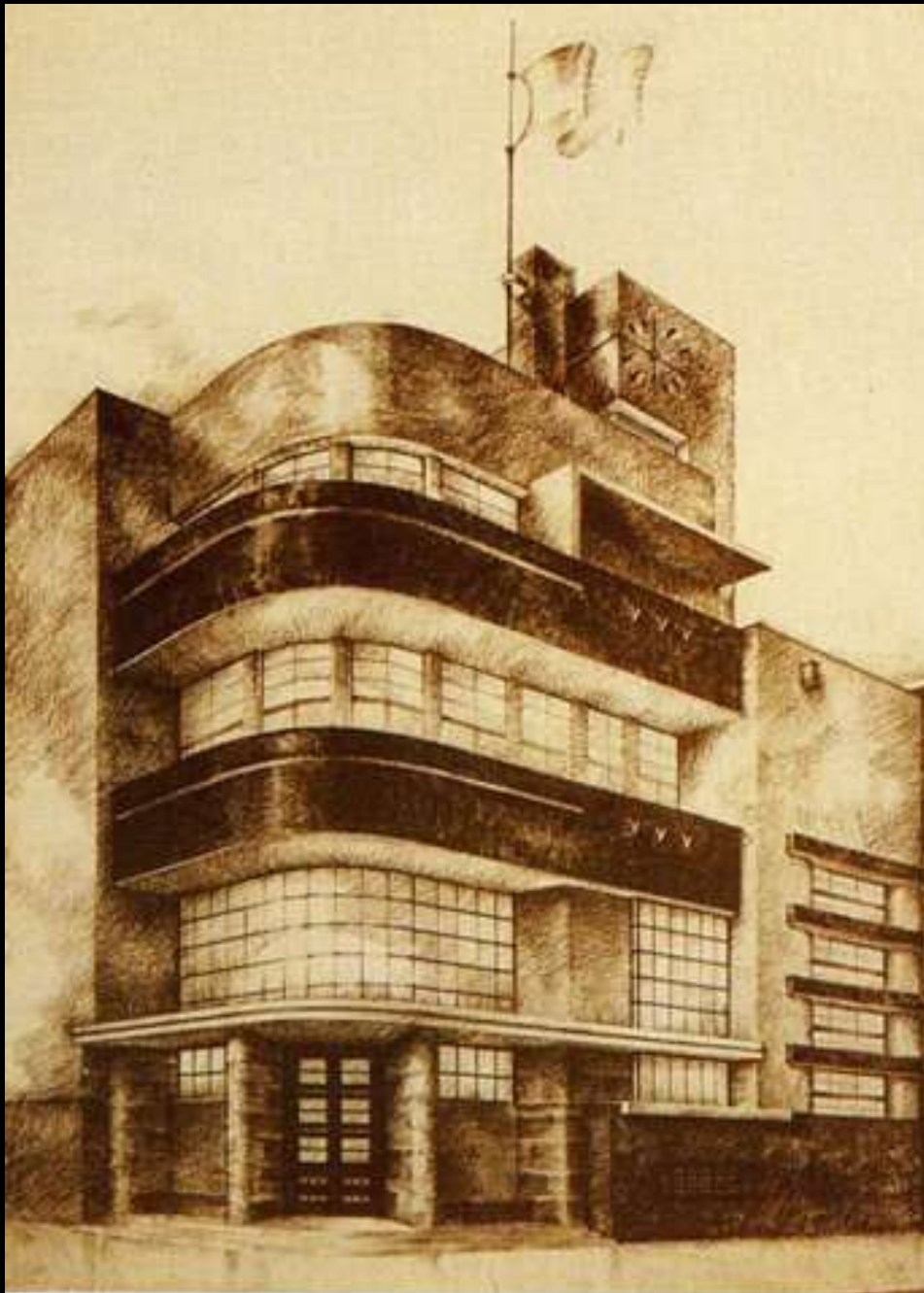


Carlos Ramos, pavilhão do Rádio do Instituto de Oncologia, Lisboa, 1927.



Carlos Ramos, tribunal de Évora,
1945-1963

Januário Godinho, 1934-39; Armazéns Frigoríficos, Porto

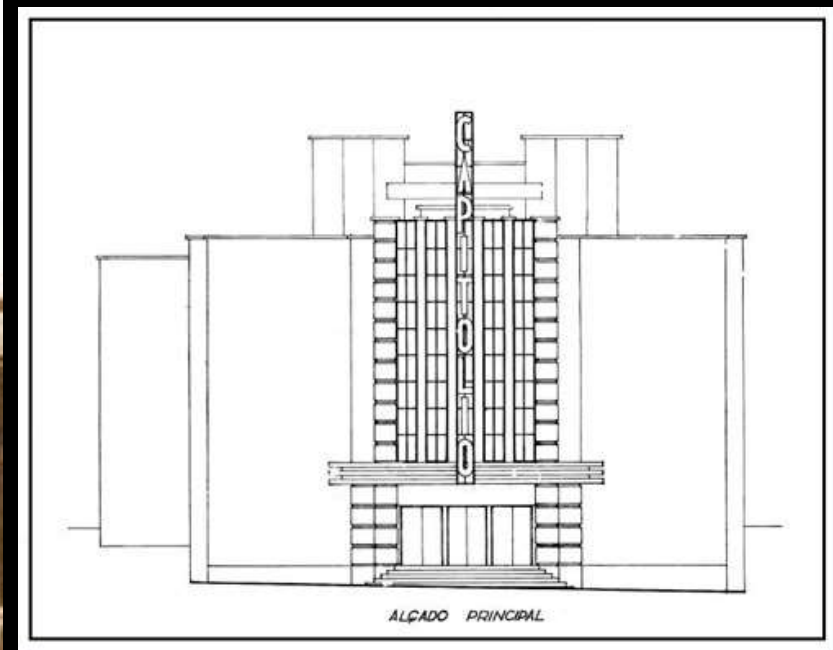


Tribunal de Tomar - Januário Godinho, 1958.





Primeira geração moderna:
Cristino da Silva
1931 – Cinema Capitólio, Lisboa



Cristino da Silva, Areeiro, Lisboa, 1949



Cristino da Silva, Areeiro, Lisboa, 1949
Alçado da Baixa Pombalina, 1756.



Cristino da Silva, CGD, Évora, 1942



José António Bandeirinha, *Quinas Vivas*, FAUP, 1993, p. 23-24.

Mudança de linguagem, no final dos anos 30, dos pioneiros do modernismo em Portugal

“Traição, recuo, retrocesso, reconversão (...)”
ou mera “transformação de processos”

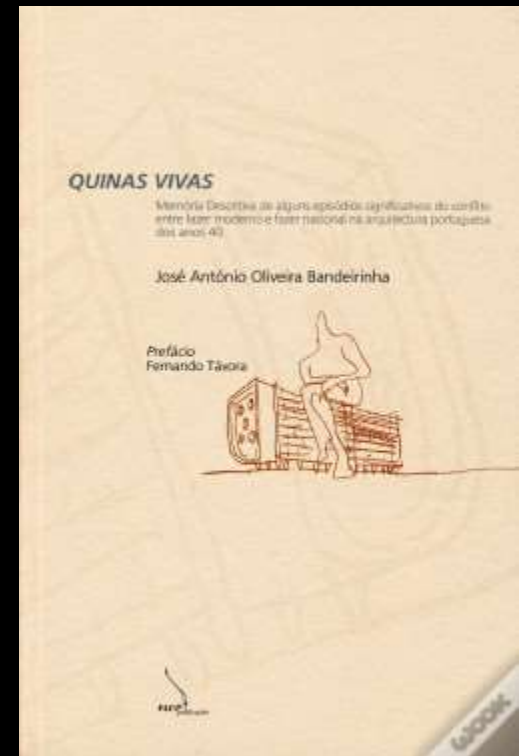
Causas:

“frágil consistência ideológica e cultural”

“substituição dos modelos formais”

“formação Beaux-Arts”

“autodidactismo mais ou menos diletante do gosto moderno”



Pardal Monteiro:
Prédio de habitação, 1947



Pardal Monteiro:
Sede do “Diário de Notícias”, 1940



“Elements et Theorie de l’ Architecture”, Guadet, 1901:

“A fachada é um resultado; a planta determina as proporções horizontais e o corte as proporções verticais; a sua composição é um trabalho sério, e é independente do estilo do edifício: depois de determinar as massas e as proporções gerais, vocês colocam habilmente na fachada o que quiserem – o antigo, o mourisco, o gótico, o moderno, não importa... É apenas a epiderme, que só é encantadora se o edifício é bem composto e proporcionado.”

Em Portugal, António de Oliveira Salazar (1889 –1970) começa por ser Ministro das Finanças, em 1928, do governo saído do Golpe de Estado liderado pelo general Gomes da Costa em 1926 (na sequência de um período muito conturbado, com muita instabilidade política e uma grave crise económica e social, depois da instauração da República, em 1910). Salazar torna-se Primeiro-Ministro de Portugal em 1932, cargo que ocupa até 1968. A Constituição de 1933 institucionalizou o Estado Novo.





Detlev-Rohwedder-Haus, Ministério da Aviação (do Ministro H. Goering), desenhado por Ernst Sagebiel, era o maior edifício de escritórios da Europa (1935 – 36, Berlim).



Marcello Piacentini, 1931-40, Milão, Palácio da Justiça.

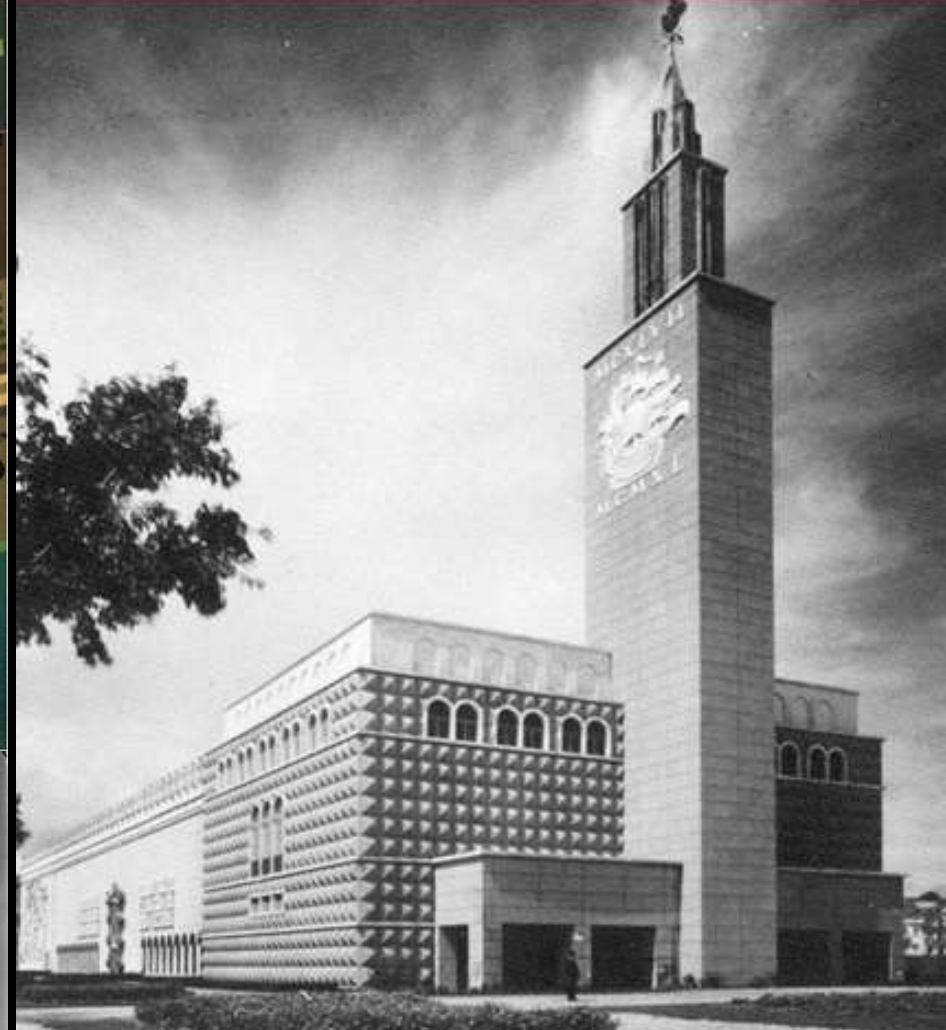
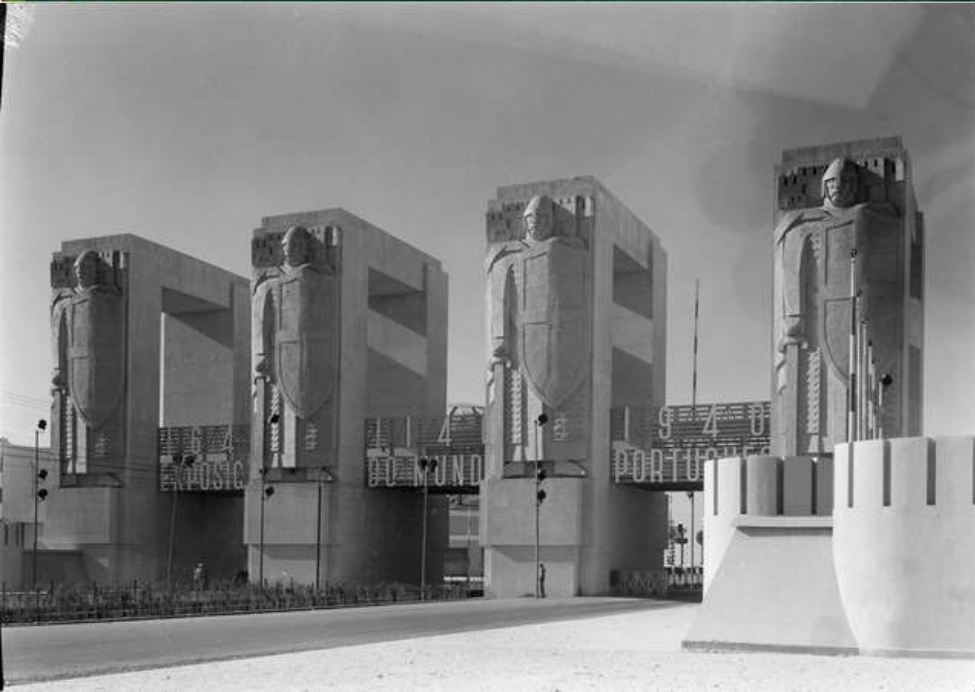


1617-20 – Praça Maior de Madrid, Juan Gomez de Mora.



Ministério do Ar, Madrid, Gutiérrez Soto, 1943-51





Lisboa, Exposição do Mundo Português, 1940.

Plano geral e *Porta da Fundação*, Cottinelli Telmo.
Pavilhão de Honra e da Cidade de Lisboa, Cristino da Silva

Raul Lino e a “casa portuguesa”.

Casa dos Patudos,
Alpiarça, 1904.



A NOSSA CASA

APONTAMENTOS SOBRE O
BOM GÔSTO NA CONSTRU-
ÇÃO DAS CASAS SIMPLES



RAUL LINO

TERCEIRA EDIÇÃO

COM UM PREFÁCIO DE MANDEL DE SOUSA PINTO

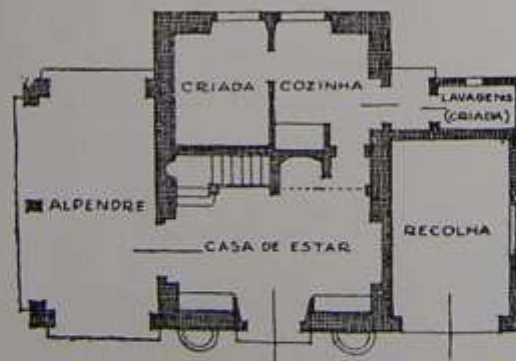
Várias foram as causas (...) que provocaram a tão desastrosa queda no barbarismo de construções que deslustram a maioria das localidades portuguesas e que amplamente atestam a corrupção absoluta do gosto nacional. Uma grande parte (...) cabe à introdução de certas publicações francesas que tiveram grande voga em Lisboa.”

Raul Lino, “A nossa casa”, 1918.
Pág. 20 da edição de 2015.

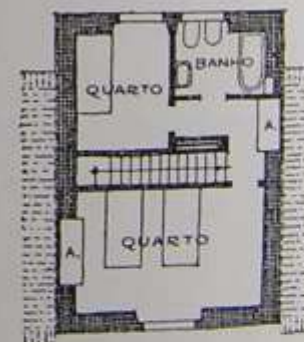
Casa de Férias, “muito econômica,
adaptável a todo o país”.
Raul Lino, 1933.



ESCALA PARA AS PLANTAS



RÉS-DO-CHÃO



SÓTÃO

36. CASA DE FÉRIAS — Construção muito econômica adaptável a qualquer região do país.

“Uma casa portuguesa” (Amália Rodrigues)
Música: V. M. Sequeira; Artur Fonseca
Letra: Reinaldo Ferreira

(...) Quatro paredes caiadas,
um cheirinho à alecrim,
um cacho de uvas doiradas,
duas rosas num jardim,
um São José de azulejo,
mais o sol da primavera...
uma promessa de beijos...
dois braços à minha espera...
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa!
No conforto pobrezinho do meu lar,
há fartura de carinho.
e a cortina da janela é o luar,
mais o sol que bate nela...
Basta pouco, pouquinho p'ra alegrar
uma existência singela...
É só amor, pão e vinho
e um caldo verde, verdinho
a fumar na tigela. (...)



CASA DE CAMPO — Arq. Adelino Nunes

festações, de grandeza ou de humildade, o sonho, o desejo, a grande alegria de ter casa própria e independente.

A posse da casa própria é aspiração de todos os indivíduos, de todas as classes sociais e de todos os países.

Obedecendo ao nosso programa, fazemos este número de *Arquitetura* dedicado à casa de moradia independente, oferecendo aos nossos leitores, pelos lápis de alguns dos nossos distintos colaboradores, projectos de casas concebidos nos mais variados estilos e tendências arquitectónicas, desde a mais pequena vivenda à maior e completa habitação própria.

CASA D. JOÃO V

Projecto interessantíssimo do architecto Vasco Regaliera para ser construido nos suburbios de Lisboa, para residencia do Ex.^{mo} Sr. Fernando Mantua. A fachada lindissima é uma boa realisacão do baròco nacionalizado, que o autor do projecto com profundos conhecimentos soube interpretar.

Consta a moradia de três pavimentos: ca-

ve, rez-do-chão e primeiro andar. Na cave fica o quarto de creados, a casa de engomados, a garrafeira e o aquecimento central; no rez-do-chão, o escritório, o salão, a sala de mesa, a copa e a cosinha; no primeiro andar os quartos de dormir e toucador e duas boas casas de banho e w. c.

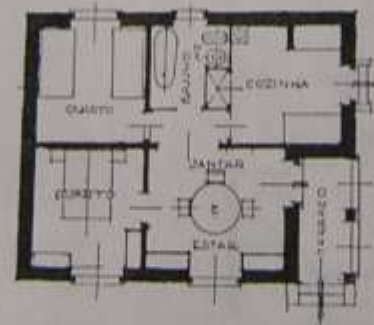
A escada que é de mármore com uma balaustrada do mesmo material, parte do hall, cujo tecto é apoiado em colunas jónicas e o pavimento de mosaicos de mármore. E' em tudo uma habitação confortavel e rica.

CASA DE CAMPO

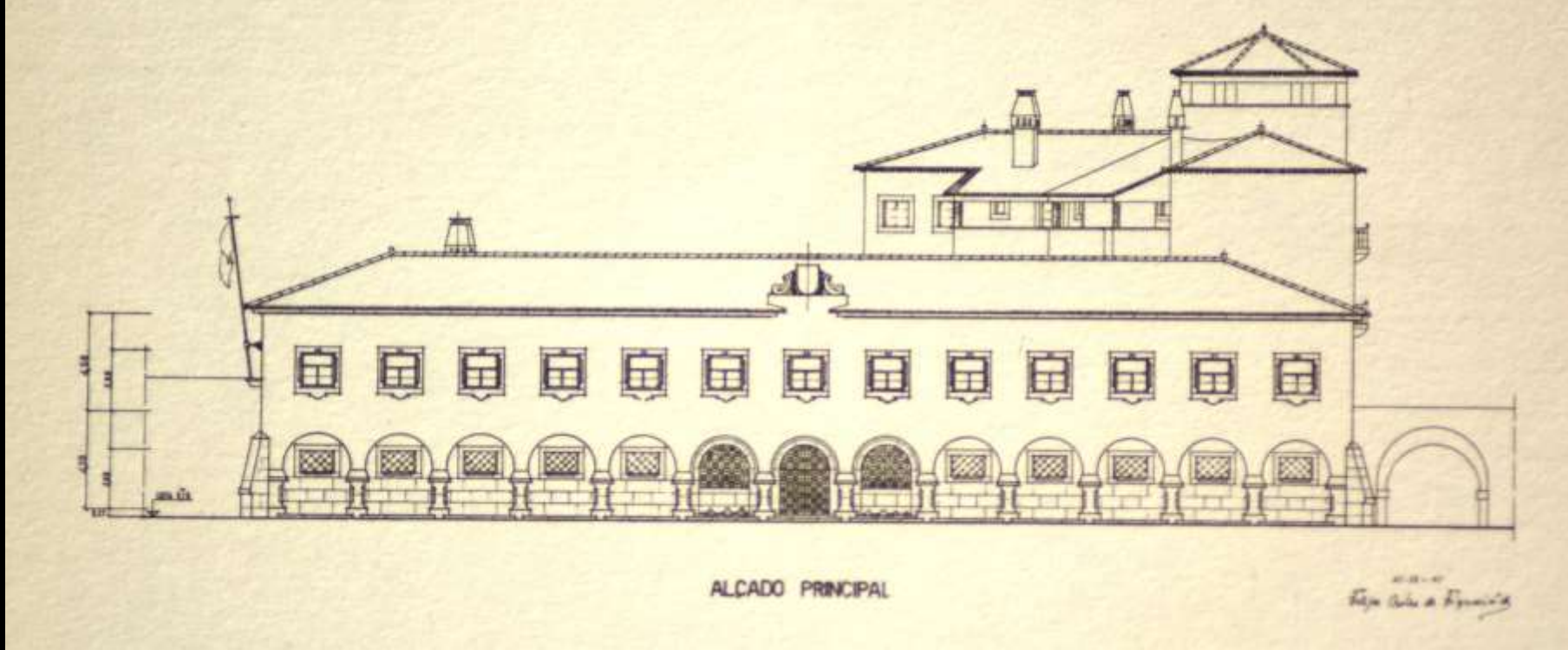
Projectada pelo jovem architecto Adelino Nunes, que a *Arquitetura* tom a honra de apresentar aos seus leitores, é esta casa campesina muito agradavel pela sua harmonia e proporções, o que a torna muito bela na sua simplicidade.

Vai ser construida num pinhal, proximo de Meleças, pelo que ficará bem enquadrada. A sua planta é tambem de cativante disposicão.

Como casa para pequena familia, é uma vivenda encantadora.



PLANTA DA CASA DE CAMPO



Posto dos Correios em Évora, Filipe Figueiredo, 1943 (revista *rA*, FAUP).



Máquina de propaganda de
António Oliveira Salazar:

“orgulhosamente sós”

“pobre mas honrado”

“valores da moral e dos bons
costumes” (“Deus”, “Pátria”,
“Autoridade”, “Família” e “Trabalho”).

Isolamento em relação ao exterior.

Uma ideia (ficcional) da “realidade”
portuguesa, imposta a partir de 1933
pelo Secretariado de Propaganda
Nacional (SPN) de António Ferro,
controla a cultura a todos os níveis:
os salões de pintura, os prémios
literários, as exposições coloniais e os
pavilhões nas exposições
internacionais, as marchas populares,
os desfiles históricos de Leitão de
Barros, as comédias cinematográficas
despreocupadas e despreocupantes e o
teatro para o povo.



A Canção de Lisboa, 1933, José Cottinelli Telmo.



**1.º CONGRESSO NACIONAL DE
ARQUITECTURA**

MAIO / JUNHO DE 1948
*PROMOVIDO PELO SINDICATO NACIONAL
DOS ARQUITECTOS COM O PATROCÍNIO
DO GOVERNO*

**RELATÓRIO DA COMISSÃO EXECUTIVA
TESES
CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO**

O 1º Congresso Nacional de Arquitectura, iniciado em 28 de Maio de 1948, foi promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos e presidido por José Cottinelli Telmo, membro de uma comissão executiva que também incluía Paulo Cunha, Faria da Costa, Pardal Monteiro e Miguel Jacobetty. As teses respondiam a dois temas: "A Arquitectura no Plano Nacional" e "O Problema Português da Habitação".



**1.º CONGRESSO NACIONAL DE
ARQUITECTURA**

MAIO / JUNHO DE 1948
PROMOVIDO PELO SINDICATO NACIONAL
DOS ARQUITECTOS COM O PATROCÍNIO
DO GOVERNO

RELATÓRIO DA COMISSÃO EXECUTIVA
TESES
CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO

**1º Congresso dos Arquitectos
Portugueses, 1948.**

Tese “O problema português da habitação”, de Viana de Lima (em SNA, *1º Congresso Nacional de Arquitectura...*, pág. 215-222):

“Cumpre-nos, portanto, corrigir os erros do academismo (...) tomando-se como exemplo os paquetes, os aviões e os automóveis, onde os ornamentos foram substituídos pela pureza e a lógica da função.” (...) o “espírito colectivista e cooperativista deve ser adoptado na construção dos novos Bairros, para que todos possam desta maneira usufruir as vantagens de um perfeito equipamento moderno”; “para construir racionalmente casas, é mister substituir o sistema de construção individual, (...) pelo sistema da habitação em altura” (...) “a única forma de dar aos homens alegria e optimismo, e às cidades, vilas e aldeia, a forma radiosa proposta pela «Carta de Atenas».”



Edifício Ouro, Porto, 1951-54, Mário Bonito.



Edifício Parnaso, Porto, José Carlos Loureiro, 1954.

Edifícios modernistas de Lisboa, no bairro de alvalade.

Av. Estados Unidos da América / Av. de Roma.
Filipe Figueiredo e Jorge Segurado, 1951.



F. F., Évora, 1943





1.º CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA

MAIO / JUNHO DE 1948
*PROMOVIDO PELO SINDICATO NACIONAL
DOS ARQUITECTOS COM O PATROCÍNIO
DO GOVERNO*

RELATÓRIO DA COMISSÃO EXECUTIVA
TESES
CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO





CADERNOS DE ARQUITECTURA

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

POR
FERNANDO TÁVORA

O Problema da Casa Portuguesa

Algumas ideias acerca do corporativismo português

A Guerra d'África em 1893

Dom Miguel Infante

Para Além da Personalidade

Primeira versão
publicada no semanário
ALÉO
em 10 de Novembro de
1945.

LISBOA
1947



Távora (1923-2005). O Problema da Casa Portuguesa, 1945

“(...) Se as sociedades e os homens condenam a mentira, é paradoxal — mas significativo — que esteja a proteger-se um conceito de Arquitectura que é falso, que não corresponde a qualquer verdade portuguesa e que como tal deveria banir-se inteiramente do mesmo modo que se procura eliminar da sociedade todo o elemento que, por mentiroso, lhe é prejudicial.
(...)”



Távora (1923-2005). O Problema da Casa Portuguesa, 1945

“(...) as formas tradicionais de toda a arte de edificar (...) resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa Arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, **fazendo de cada edifício um corpo vivo**, um organismo com alma e linguagem próprias.

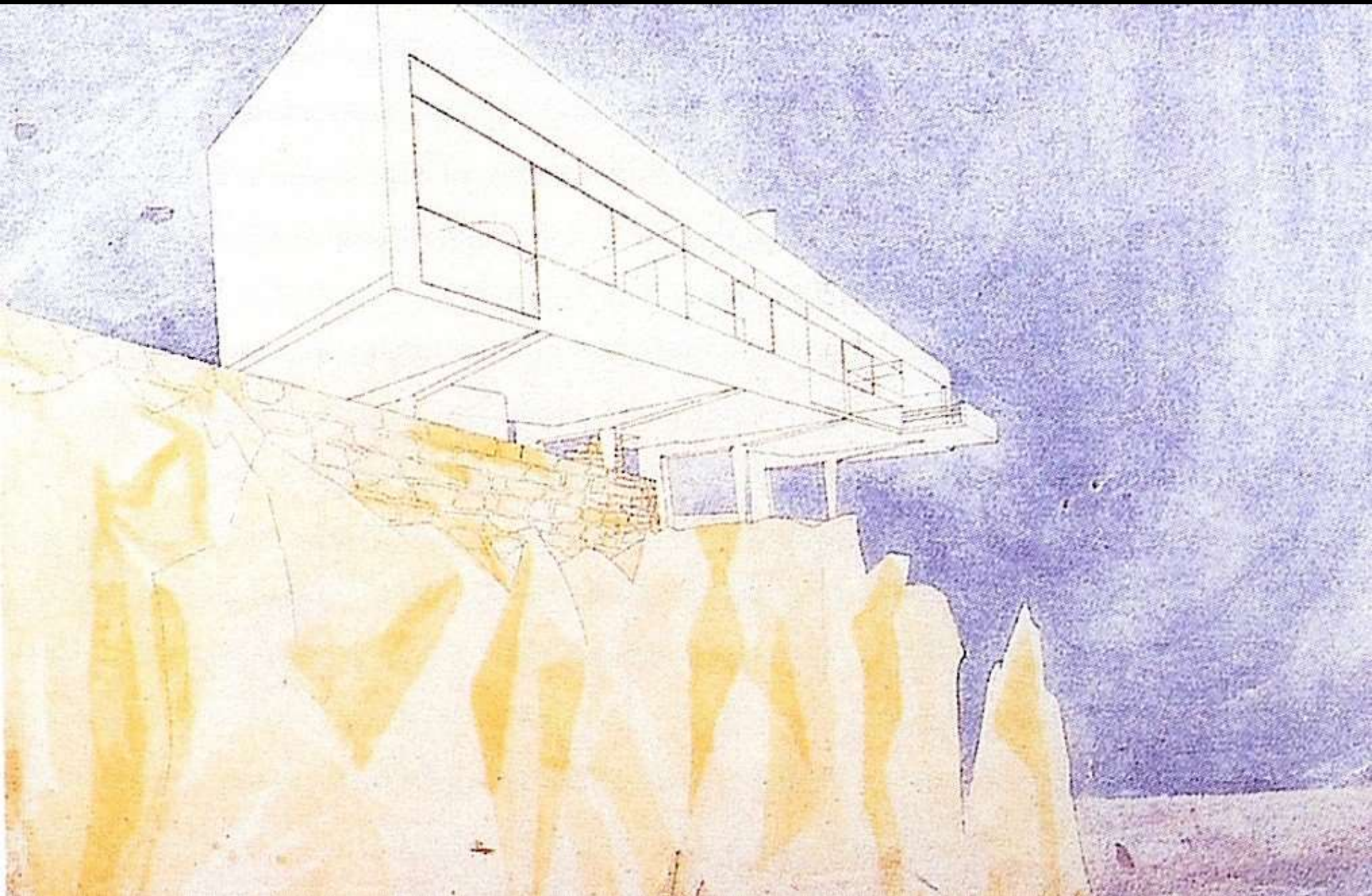
Távora (1923-2005). O Problema da Casa Portuguesa, 1945

“(...) impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista, cujos estudos poderiam, talvez agrupar-se em três ordens:

a) do meio português;

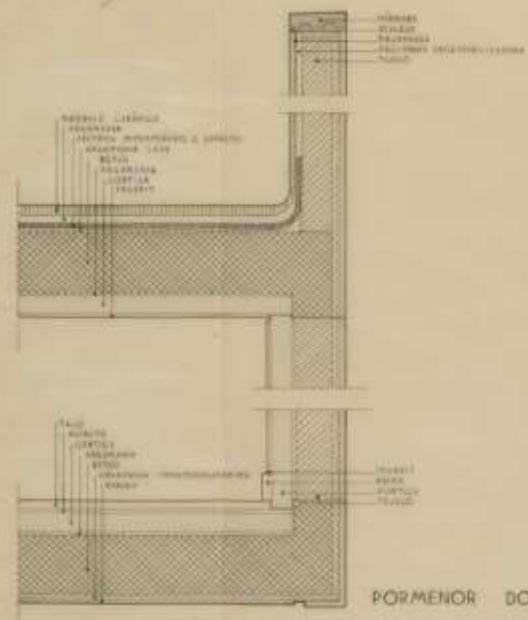
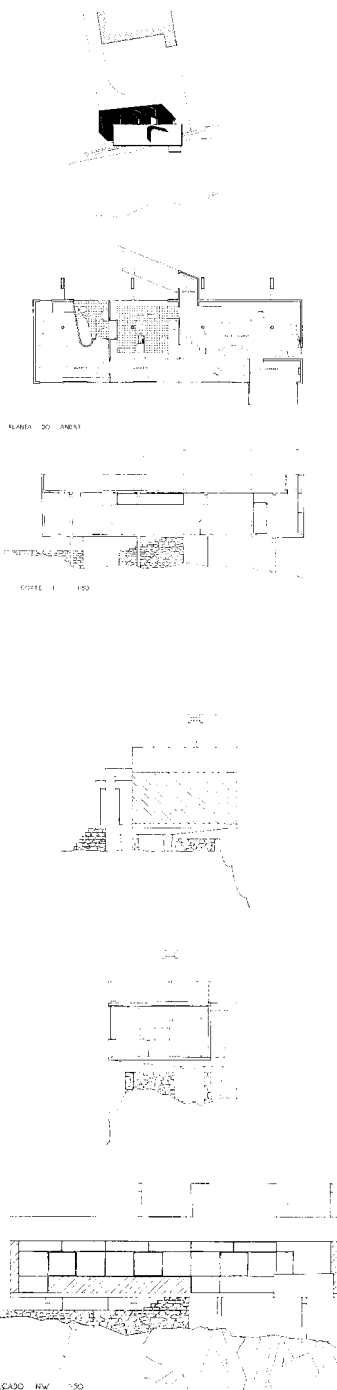
b) da Arquitectura portuguesa existente;

c) da Arquitectura e das possibilidades da construção moderna no mundo.”



Casa sobre o Mar, Trabalho de fim de curso, ESBAP, 1952

5 pontos da nova arquitectura + azulejo nas paredes...



CODA 6



“(...) impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista, cujos estudos poderiam, talvez agrupar-se em três ordens:

a) do meio português;

b) da Arquitectura portuguesa existente;

c) da Arquitectura e das possibilidades da construção moderna no mundo.”

Távora (1923-2005). O Problema da Casa Portuguesa, 1945

ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL

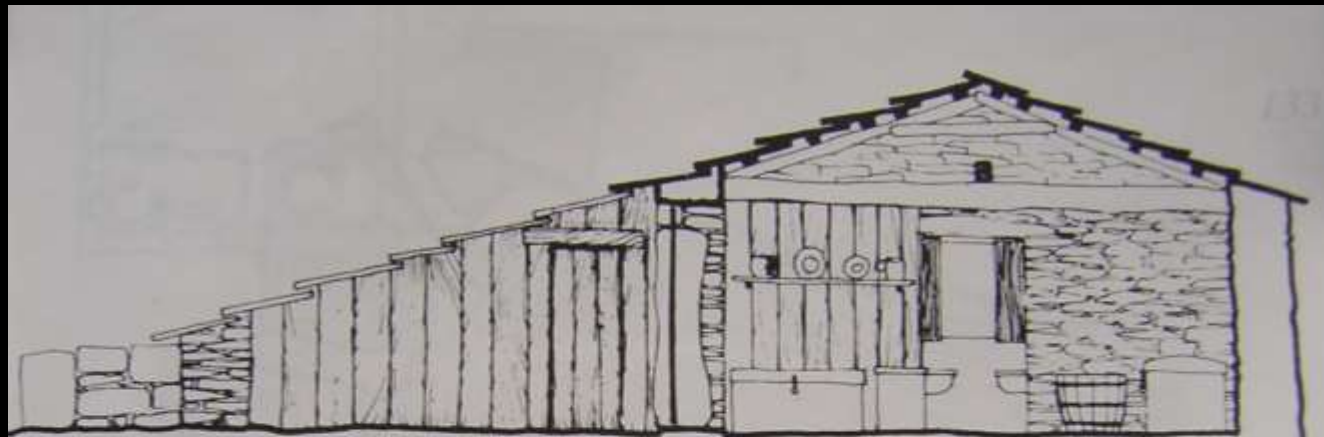


ASSOCIAÇÃO
ARQUITECTOS
PORTUGUESES

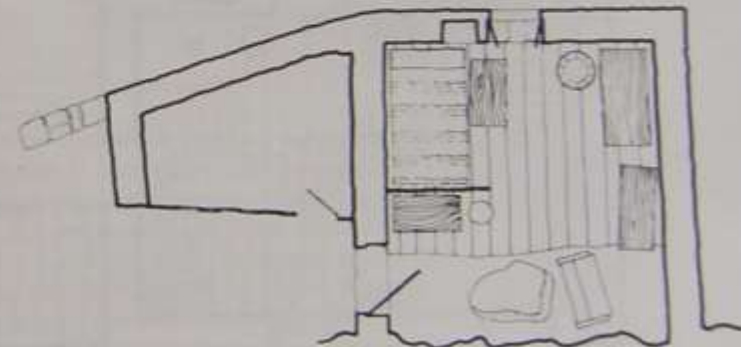


“Um estilo nasce do povo e da terra com a naturalidade duma flor, e povo e terra encontram-se presentes no estilo que criaram em muitas gerações. Que sentido poderá ter, pois, a vontade de criar numa geração um estilo português sem, para tanto, proceder a estudos integrais das nossas necessidades e das nossas condições?”

TÁVORA, Fernando (assina F. L.) “O problema da casa Portuguesa”, Semanário *ALÈO*, Lisboa, Campos e Sousa, 10 de Novembro de 1945, pág. 10.



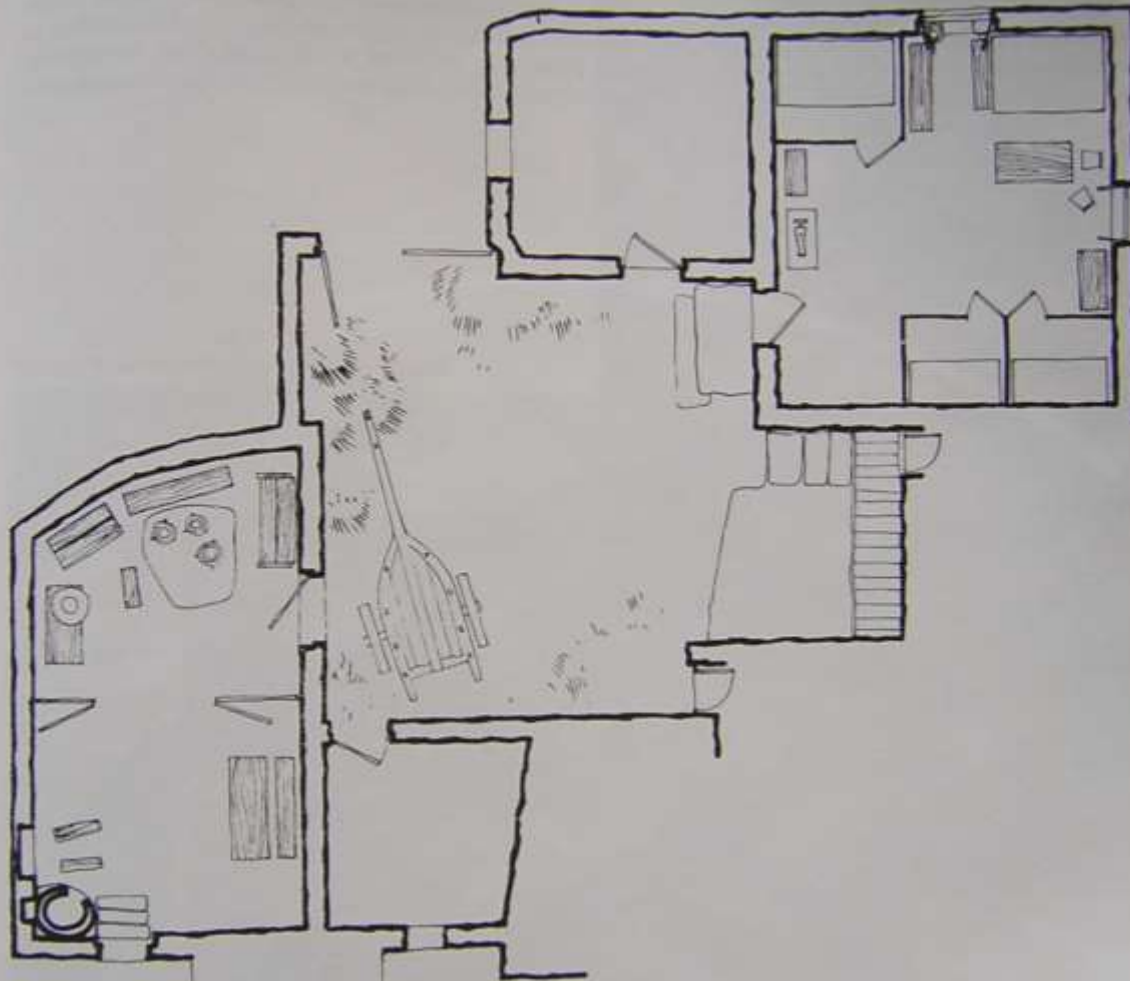
MONTEZ. Corte da casa



MONTEZ. Planta da mesma casa

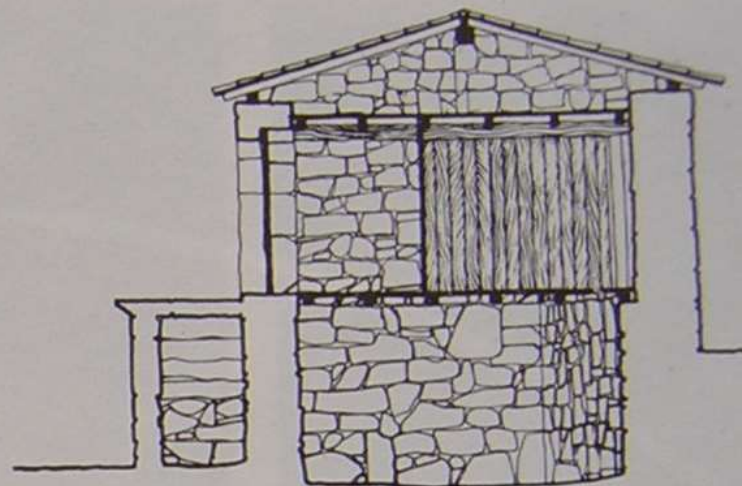
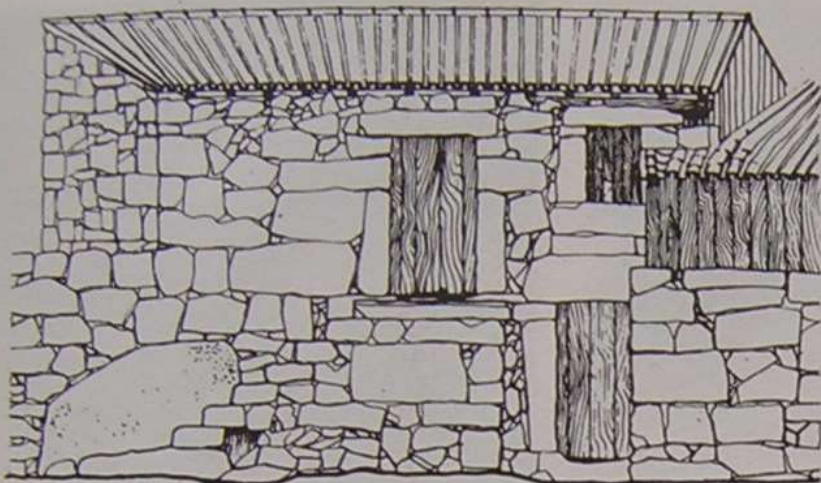
Casa de xisto e lousa, em Montes, vale da Campeã,
(in “Arquitectura Popular em Portugal”, volume I).

Casa de xisto e lousa, em Montes, vale da Campeã,
(in "Arquitetura Popular em Portugal", volume I).



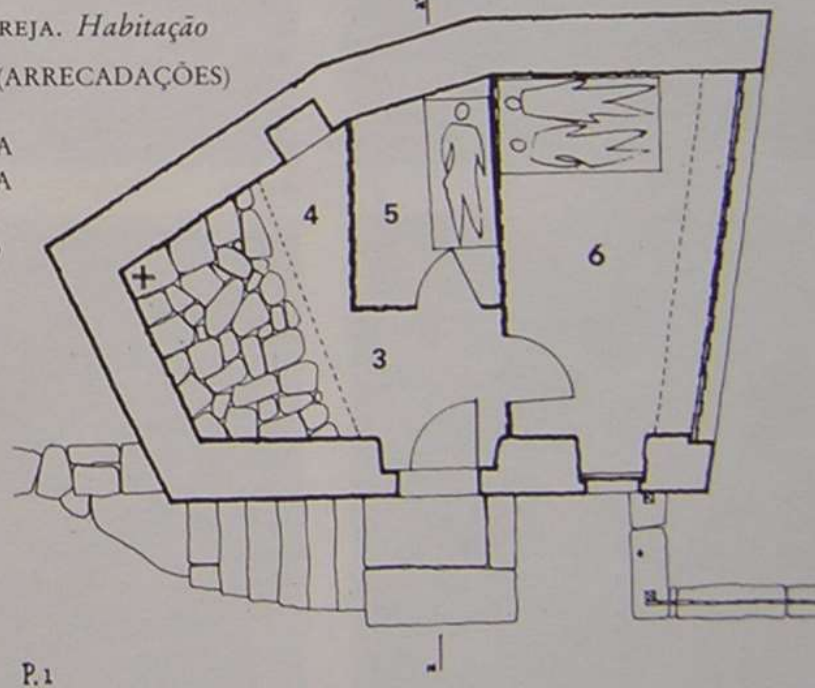
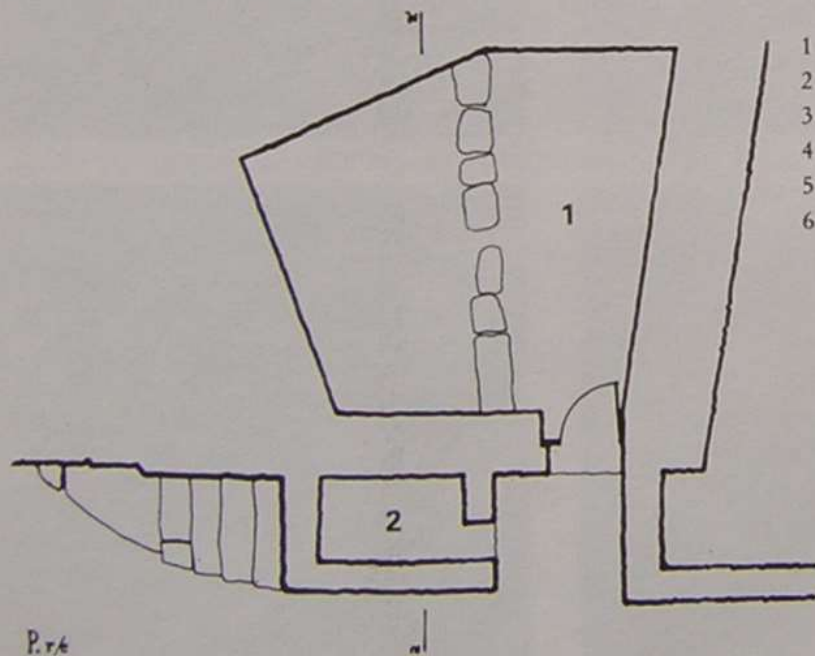
“A casa popular fornecer-nos-á grandes lições porque ela é a mais verdadeira, a mais funcional e a menos fantasiosa.”

Casa em Vale de Igreja (Beiras).



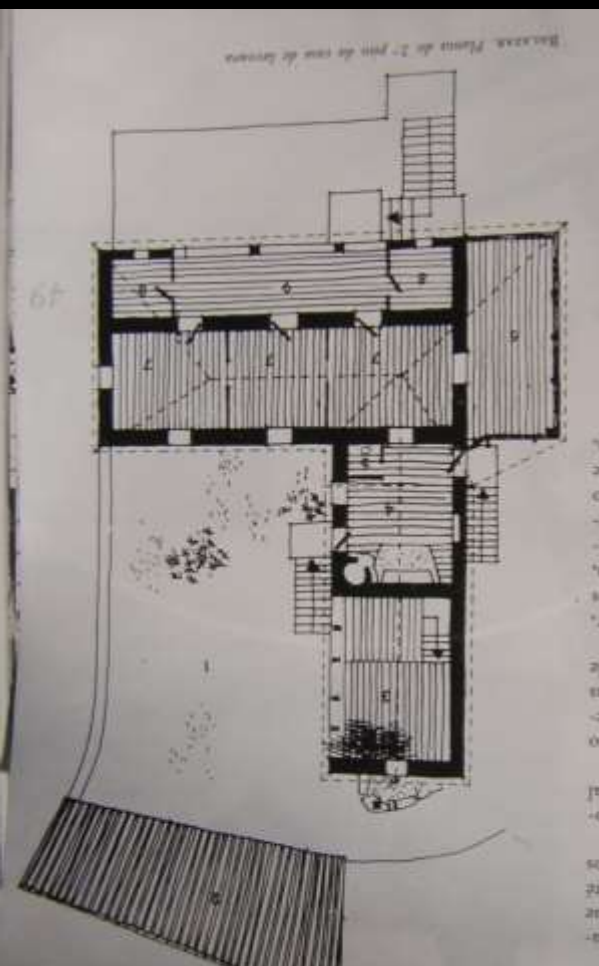
VALE DE IGREJA. *Habitação*

- 1 — «LOJAS» (ARRECADAÇÕES)
- 2 — CURRAL
- 3 — ENTRADA
- 4 — COZINHA
- 5 — ALCOVA
- 6 — QUARTO





Casa de lavoura em Balazar,
Guimarães



“Casa de lavoura”:

A implantação, livre das “sujeições habituais dos povoados”, justifica-se com as características climáticas e “a experiência e gosto do rústico mestre pedreiro, concertado com o lavrador”. O seu “pátio ou eido”, é uma “autêntica sala ao ar livre”, que dá acesso a todos os espaços, para onde abrem todas as portas. O conjunto das construções isola o pátio do exterior: a moradia, o sequeiro e os cobertos vários.

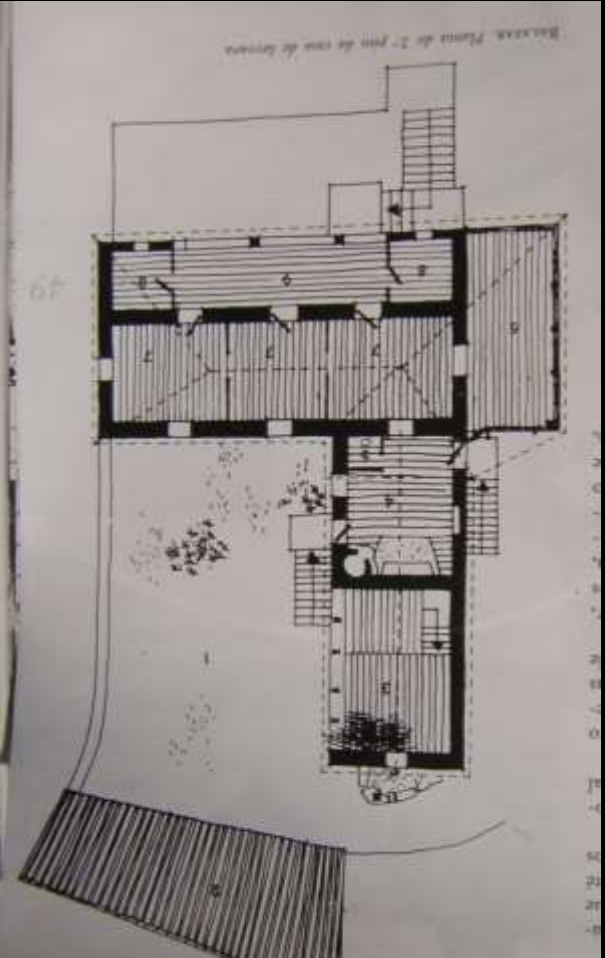
Os diferentes telhados articulam-se em continuidade e “estendendo-se em baixa pendente, vêm rematar os tectos de folhagem das ramadas circundantes”.

“Protegem-se das chuvas do Sudoeste e oferecem ao Sol as faces mais vivas e abertas, deixando para o caminho público a ilharga do coberto, ou a fachada da casa devastada pelas intempéries, onde se destacam as minúsculas janelas dos quartos e o largo portão de acesso ao quinteiro.”

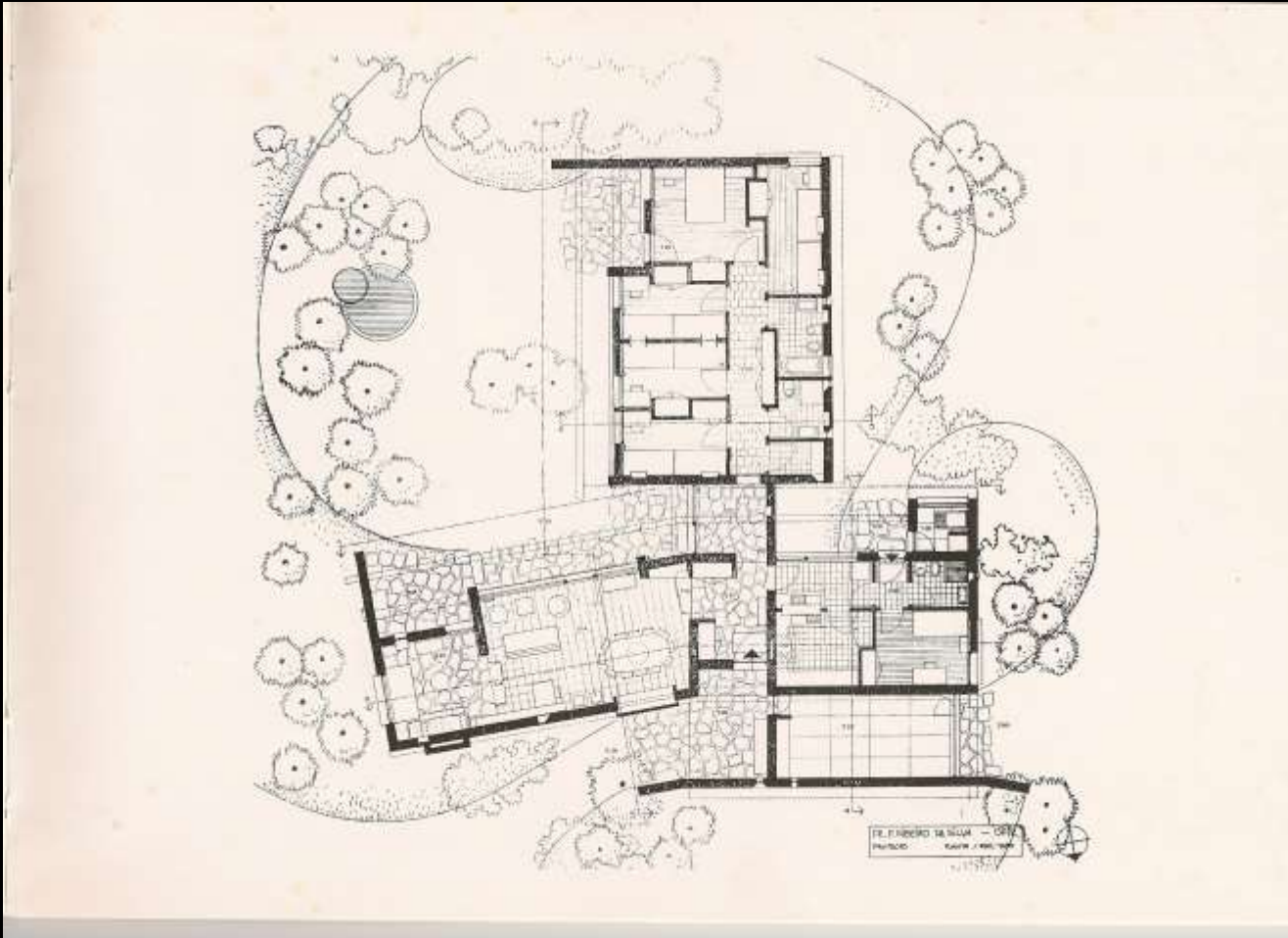
“A moradia, cabeça da composição, estende-se num único piso, sobradado, por cima das lojas. Nestas se instalam o lagar, a tulha e as cortes dos animais.”

TÁVORA em SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS,
Arquitectura Popular em Portugal, Lisboa, Sindicato Nacional
dos Arquitectos, 1961 (Zona I, pág. 46).

Casa de lavoura em Balazar,
Guimarães



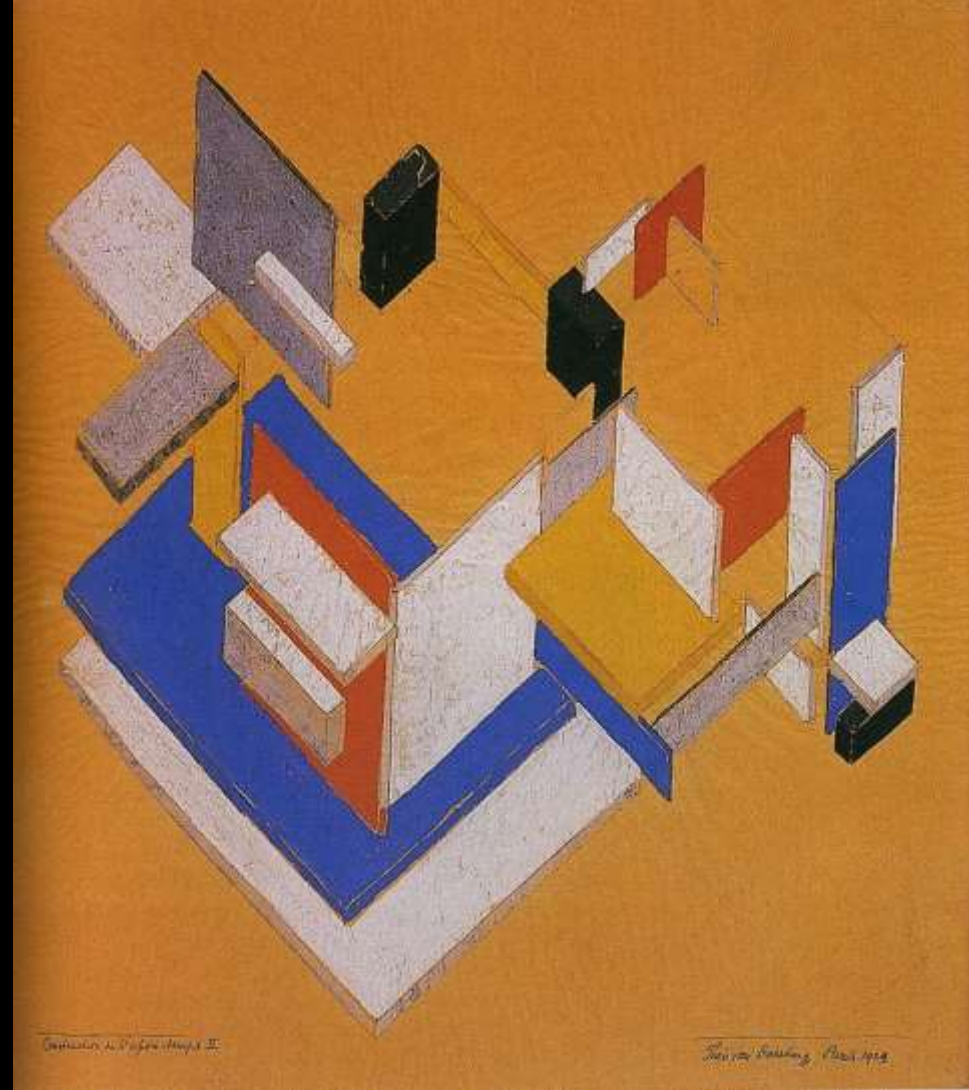
Fernando Távora.
Casa de Férias – Ofir, 1957-58



“o Arquitecto tem uma formação cultural, plástica e humana (para ele, por exemplo, a casa não é apenas um edifício) conhece o sentido de termos como organicismo, funcionalismo, neo-empirismo, cubismo, etc., e, paralelamente, sente por todas as manifestações da arquitectura espontânea do seu país um amor sem limites que já vem de muito longe;” Távora, 1957.



Casa de Férias – Ofir, 1957-58



Van Doesburg, Contraconstrução, 1924



Sustentabilidade:

Satisfazer as necessidades do presente sem deixar de legar às gerações futuras (pelo menos) os mesmos recursos de que hoje dispomos.

Não se aplica só a nível energético mas também paisagístico, económico, cultural, etc...



Integração no meio, paisagístico e cultural.

Adaptação ao clima: inércia térmica das paredes, espaços de transição interior-externo.

Adaptação de processos construtivos tradicionais: betão apoia no muro como se fosse madeira, isolamento do telhado sem alterar o sistema construtivo., etc..



Casa de Férias – Ofir, 1957-58

“Arquitectura Moderna não é um *estilo*, mas o resultado de uma atitude”.

Arquitectura contemporânea (“conceito puramente cronológico”) “é toda aquela que se realiza no nosso tempo”.

Arquitectura moderna “é toda aquela que se realiza *de acordo* com o nosso tempo”, “aquela que traduz exactamente, isto é, segundo uma relação perfeita, a realidade que a envolve”.

TÁVORA, Fernando, “O Porto e a Arquitectura Moderna”, revista *Panorama*, nº 4, 1952.



5º CONGRESSO DE
ARQUITECTURA
TRADICIONAL E
SUSTENTABILIDADE

7-9 Julho 2017
Aldeia de Uva,
Vimioso, Portugal

Eduardo Fernandes
LAB2PT
Escola de Arquitectura
Universidade do Minho



A CASA DE OFÍR DE FERNANDO TÁVORA: SUSTENTABILIDADE E TRADIÇÃO VERNACULAR.

